

MISERY

STEPHEN KING

MISERY

Tradução de  
MAGDA VIANA



Isto é para Stephanie e Jim Leonard, que sabem porquê.  
Caramba, se sabem.

deusa

África

Gostaria de agradecer a ajuda de três pessoas ligadas à medicina, que me auxiliaram no material concreto deste livro.

São eles:

Russ Dorr, médico assistente

Florence Dorr, enfermeira

Janet Ordway, médica e doutorada em Psiquiatria

Como sempre, ajudaram-me em coisas que não irão notar. Se virem um erro flagrante, é meu.

Não existe, é claro, uma droga chamada *Novril*, mas há várias drogas à base de codeína semelhantes a essa, e, infelizmente, as farmácias hospitalares e os dispensários médicos muitas vezes não têm os devidos cuidados em manter estas drogas bem fechadas e com um inventário rigoroso.

Os lugares e as personagens deste livro são ficcionais.

S. K.

## PARTE I

ANNIE

*Quando olhas para o abismo, o abismo também olha para ti.*

FRIEDRICH NIETZSCHE

1

*Umerumm*

*tuádemiradora uumerumm*

Estes sons: mesmo no torpor.

2

Mas por vezes os sons, tal como as dores, dissipavam-se, e depois restava apenas o torpor. Recordava-se da escuridão: uma escuridão densa antecederia o torpor. Estaria a melhorar? Faça-se luz, e a luz foi feita (mesmo que apenas uma variante do torpor), e a luz era boa, etc., etc.? Existiriam aqueles sons mesmo nas trevas? Não conhecia resposta para qualquer destas interrogações. Faria sentido interrogar-se sobre elas? Ignorava, também, a resposta para mais essa interrogação.

A dor situava-se algures abaixo dos sons. A dor habitava a leste do sol e a sul dos seus ouvidos. O seu conhecimento limitava-se a esta certeza.

Por um período de tempo, que lhe pareceu imenso (e que de facto era, pois a dor e a tempestade mental eram os únicos dois elementos existentes), só esses sons foram elos com a realidade. Desconhecia por completo a sua

identidade e o local onde se encontrava, e não tinha a mínima vontade de o saber. Desejava estar morto, mas através do torpor impregnado de dor que enchia o seu cérebro como uma nuvem negra de verão, não sabia que o desejava.

O tempo passava e ele foi-se apercebendo de que havia períodos em que não sentia a dor, e que estes intervalos tinham uma propriedade cíclica. E, pela primeira vez desde que emergira da escuridão total que precedera o torpor, teve um pensamento que existia para lá da sua situação atual. Pensou no pontão de estacas quebrado que aparecera na praia de Revere. Em criança, fora diversas vezes à praia de Revere com a mãe e o pai. Sempre insistira em que estendessem o cobertor num sítio onde ele pudesse controlar a posição dos restos do pontão, que parecia pertencer à única garra restante de um monstro enterrado. Gostava de ficar sentado a ver a água erguer-se e cobrir as estacas. Depois, horas mais tarde, quando já nada restava das sanduíches e da salada de batata, depois de ter persuadido o seu pai a dar-lhe as derradeiras gotas de *Kool-Aid* da grande garrafa térmica, pouco antes de a sua mãe dizer que eram horas de arrumar as coisas e de voltar para casa, o topo do pontão apodrecido apareceria novamente. Primeiro, espreitava apenas, como um clarão rápido intervalando com as ondas altas da maré que subia, depois, mostrando-se cada vez mais. Quando o lixo já estava todo no grande recipiente circular, MANTENHA A SUA PRAIA LIMPA — lia-se num dos lados — e os brinquedos de Paulie haviam sido guardados

*(é o meu nome, Paulie. Sou o Paulie e esta noite a mamã vai pôr óleo Johnson para bebé na minha pele tostada pelo sol, pensou no interior da cabeça turbulenta onde atualmente vivia)*

e o cobertor novamente dobrado, o amontoado de estacas mostrava-se quase completamente, lados enegrecidos

e cobertos de limo perlado de espuma. Era a maré, tentara o pai explicar-lhe, mas ele sempre soubera que era o pontão. A maré, ora alta ora baixa, ia e vinha, mas o pontão, esse, estava sempre lá. Só que, por vezes, não conseguia vê-lo. Sem aquele amontoado velho não havia maré.

Esta recordação rondava-o, rondava-o enlouquecedora, como uma mosca insistente. Tateava, procurando o significado, mas, durante muito tempo, os sons interromperam-no.

*tuádemiradora uumerumm*

*jali tudu*

*numerrum*

Por vezes, os sons paravam. Por vezes, *ele* parava.

A sua primeira verdadeira recordação deste *agora*, e do *agora* fora da tempestuosa confusão mental, era a paragem, a consciência súbita de que não era capaz de continuar a respirar, e isso estava certo, isso era bom, era de facto ótimo. Aguento um certa dose de dor, mas agora já chega, estava contente por sair deste jogo.

Mas, de repente, uma boca sugava a sua, uma boca que pertencia indiscutivelmente a uma mulher, apesar dos lábios rijos e secos, e o vento que veio da boca desta mulher soprou no interior da sua própria boca e da garganta, encheu-lhe os pulmões e, quando os lábios foram arrancados dos seus, cheirou o seu carcereiro pela primeira vez, cheirou-a através da respiração que ela forçara dentro dele, da mesma forma que um homem forçaria parte de si no interior de uma mulher relutante, um terrível fedor a bolachas de baunilha, gelado com sabor a chocolate, molho de galinha e doce de manteiga de amendoim.

Ouviu uma voz gritar: «Respira, caramba, respira, Paul!»

Os lábios colaram-se novamente aos seus. A respiração penetrou-o, enchendo-lhe novamente a garganta. Penetrou-o como a lufada violenta de ar que prossegue a passagem rápida de uma carruagem do metro, arrastando atrás de si as folhas de papel e os invólucros de chocolates e rebuçados, e os lábios soltaram os seus, e ele pensou: *Por amor de Deus, não deixes sair nenhum pelo nariz, mas não conseguiu evitá-lo e o fedor, o fedor, aquela merda daquele fedor.*

«Respira, caramba», disse a voz oculta dela, e ele pensou: *Eu respiro, faço tudo o que quiser, mas por favor não volte a fazer isso, não me infete novamente,* e ele tentou, mas, antes que conseguisse, já os lábios estavam agarrados aos seus, lábios secos, e ela violou-o, enchendo o seu interior com a sua respiração.

Quando, desta vez, ela retirou os lábios dos seus, ele não permitiu que a respiração dela saísse. Empurrou-a ruidosamente com o seu próprio sopro gigantesco. Expulsou-a. Esperou que o seu peito escondido se movesse por si, como sempre fizera durante toda a sua vida, sem qualquer ajuda sua. Quando tal não aconteceu, tentou novamente com toda a energia de que era capaz e depois estava a respirar, tão rapidamente quanto podia, para expulsar o cheiro e o gosto dela.

O ar normal nunca lhe parecera tão maravilhoso.

Começou a deslizar novamente para a nuvem de torpor, mas, antes que o mundo turvo desaparecesse por completo, ouviu a voz da mulher murmurar: «Bolas! Desta vez foi por pouco!»

*Mas não foi o suficiente,* pensou, e adormeceu.

Sonhou com o pontão, tão real, que esticando a mão quase podia senti-la deslizar sobre a curva fendida de um negro esverdeado.

Quando voltou ao estado anterior de semiconsciência, fez a ligação entre o pontão velho, que parecia flutuar em

direção à sua mão, e a sua situação atual. A dor não era como a maré. Era esta a lição dada pelo sonho, que na realidade era uma recordação. A dor apenas aparentava que ia e vinha. A dor era como o pontão velho, por vezes estava encoberto, e outras, visível, mas sempre presente. Quando a dor não o arrastava através do cinzento de pedra da sua nuvem, sentia-se estupidamente grato, mas já não se iludia, ela ainda lá estava esperando o momento de voltar. E não havia só um pontão, mas dois. A dor eram os pontões, e parte dele soube, muito antes da totalidade do seu cérebro ter consciência de saber, que as estacas estilhaçadas do pontão eram as suas pernas estilhaçadas.

Mas só muito tempo depois conseguiu quebrar a camada de saliva seca, que colara os seus lábios um ao outro, e perguntar em voz baixa e rouca «Onde estou?» à mulher que se encontrava sentada à beira da sua cama com um livro entre as mãos. O nome do autor do livro era Paul Sheldon. Reconheceu o seu nome sem qualquer surpresa.

— Sidewinder, no Colorado — disse ela quando ele finalmente conseguiu formular a pergunta. — O meu nome é Annie Wilkes. Eu sou...

— Eu sei, você é a minha admiradora número um.

— Sou sim — respondeu sorrindo. — É exatamente isso que eu sou.

### 3

Trevas. Depois a dor e o torpor. Logo de seguida, a consciência de que, apesar de a dor ser constante, por vezes era camuflada por um período de tréguas agitado, que

ele supunha ser o alívio. A primeira recordação: parar, e ser violado e forçado a viver pelo hálito fedorento da mulher.

Recordação seguinte, real: os dedos dela empurrando algo dentro da sua boca, a intervalos irregulares, qualquer coisa parecida com cápsulas, que, como não havia água, ficavam na sua boca e quando derretiam deixavam um gosto excessivamente amargo, parecido com o da aspirina. Seria bom cuspir aquela substância amarga, mas ele sabia que não o devia fazer, pois era o gosto amargo que trazia a maré que cobria as estacas dos pontões

*(PONTÕES QUEBRADOS, são PONTÕES, e são dois. Pronto, está bem são dois, agora cale-se e fique quieto, chiu, chiu.)*

e fazia-os desaparecer durante algum tempo.

Estas coisas tinham intervalos bastante distanciados, mas depois, quando a dor começava não a retroceder, mas a corroê-lo (tal como o próprio pontão na praia de Revere deve ter sido corroído, porque nada é eterno — pensou, apesar de saber que a criança que ele fora teria certamente rido de tamanha heresia), no exterior as coisas começaram a tomar forma mais depressa até do que o mundo objetivo, com todo o seu peso de recordações, experiências e preconceitos, se restabelecia minimamente. Ele era Paul Sheldon, que escrevia romances de duas espécies, os bons e os êxitos literários. Casara e divorciara-se duas vezes. Fumava de mais (ou fumara, antes de tudo isto, o que quer que «tudo isto» fosse). Algo de muito grave lhe acontecera, mas, contudo, ainda estava vivo. Aquela nuvem cinzento-escura começou a dissipar-se cada vez mais depressa. Ainda demoraria algum tempo até que a sua admiradora número um chegasse com aquela voz de *Pato Maluco*, de banda desenhada,

sorrindo, de boca aberta, com uma voz de carinho infantil, entrecortada. Mas Paul apercebera-se já de que estava metido num enorme sarilho.

#### 4

Aquela parte intuitiva do seu cérebro viu-a antes de ele saber que a estava a ver, e terá certamente percebido o que ela era antes de ele saber que estava a percebê-lo; senão, porque associaria a ela aquele odor e as imagens funestas? Sempre que entrava no quarto, ele pensava nas imagens esculpidas pelas tribos africanas dos romances de H. Rider Haggard, nas pedras e no fim.

A imagem de Annie Wilkes, como pertencendo a um ídolo africano tirado de *She* ou de *As Minas de Salomão*, era ao mesmo tempo burlesca e curiosamente apropriada. Era uma mulher grande que, fora os seios volumosos mas nada acolhedores que se espetavam debaixo da sempiterna camisola de lã, parecia não ter qualquer traço feminino. Não havia a curvatura das ancas ou nádegas ou mesmo da barriga da perna um pouco abaixo do fim das saias de lã, pertencentes a uma coleção interminável que ela usava em casa (retirava-se para o interior do seu quarto, que ele nunca vira, para vestir umas calças de ganga antes de iniciar as suas tarefas domésticas). O seu corpo era grande, mas nada generoso. Dava a sensação de ser composta de tumefações e saliências cortantes, em vez de orifícios acolhedores ou mesmo espaços abertos, de hiatos.

Mas, acima de tudo, ela transmitia-lhe uma sensação de *solidez*, como se não tivesse vasos sanguíneos ou até mesmo órgãos internos; como se fosse a única e sólida Annie Wilkes

de lado a lado e de cima abaixo. Estava cada vez mais convencido de que os seus olhos, que pareciam mover-se, tinham apenas sido ali pintados, mexiam-se não mais do que os olhos que nos quadros parecem seguir-nos para onde quer que se vá na sala onde estão pendurados. Parecia-lhe que se fizesse um V com os dois primeiros dedos da sua mão e tentasse enfiá-los nas narinas dela, entrariam menos de um centímetro, logo esbarrando com uma obstrução sólida (mesmo que um pouco condescendente). Que mesmo a camisola cinzenta, as saias desmazeladas de trazer por casa e calças de ganga, para os trabalhos exteriores, faziam parte daquele corpo sólido, fibroso, destituído de veias. A sensação, portanto, de que era um ídolo pertencente a um romance inquietante não era, na realidade, nada surpreendente. Como ídolo, transmitia apenas uma coisa: sentimento de angústia aproximando-se certamente do terror. Tal como um ídolo, ela guardava para si tudo o mais.

Não, espere, não era bem assim. Na realidade, ela dava-lhe outra coisa. Dava-lhe aqueles comprimidos que traziam a maré que cobria o pontão.

Os comprimidos eram a maré; Annie Wilkes era a presença lunar que as atirava para a sua boca como destroços embrulhados numa onda. Levava-lhe dois de seis em seis horas, anunciando a sua presença, primeiramente, apenas como dois dedos que penetravam a sua boca (e logo ele aprendeu a sugá-los nervosamente, apesar do gosto amargo), aparecendo depois com a camisola de lã e uma da meia dúzia de saias que possuía, geralmente com um livro de bolso debaixo do braço. À noite trazia vestido um roupão cor-de-rosa, de pelo, o rosto a brilhar com o creme de qualquer coisa que ela punha (era capaz de identificar o ingrediente principal do creme, apesar de nunca ter visto o frasco

de onde ela tirava essa lanolina com o seu cheiro desinteressante). Arrancava-o do sono pesado recheado de sonhos agitados, trazia na mão as cápsulas, a Lua com as suas emanações descansava sobre a janela, iluminando um dos seus ombros sólidos.

Algum tempo depois, quando o seu estado de alarme se tornou demasiado forte para poder ser ignorado, conseguiu aperceber-se do que ela lhe dava. Era um analgésico à base de codeína chamado *Novril*. Era obrigada a trazer-lhe tão frequentemente a arrastadeira, não só porque estava a ser alimentado apenas com líquidos e gelatinas (anteriormente, quando ainda se encontrava na nuvem, alimentava-o por via endovenosa), mas também porque o *Novril* tinha a tendência para causar prisão de ventre nos doentes que o tomavam. Outro dos efeitos secundários mais preocupantes era a insuficiência respiratória no caso de doentes sensíveis. Paul não era particularmente sensível, apesar de ter sido um grande fumador durante quase dezanove anos. Contudo, deixara de respirar pelo menos uma vez (é possível que tenham havido outras vezes durante o torpor, das quais ele não se recordava). Foi dessa vez que ela lhe fizera respiração boca a boca. Podia ter sido uma ocorrência natural, mas mais tarde suspeitou que ela, inadvertidamente, quase o matara com uma dose excessiva de medicamento. Não sabia tanto sobre aquilo que estava a fazer como pensava saber. Essa era apenas uma das características de Annie que o assustavam.

Descobriu três coisas quase simultaneamente cerca de dez dias depois de sair da nuvem escura. Primeiro, que Annie Wilkes tinha muito *Novril* (tinha, de facto, um grande *stock* de diversas drogas); segundo, que estava viciado no *Novril*; terceiro, que Annie Wilkes era perigosamente louca.

As trevas antecederam a dor e a nuvem escura; agora, ao ouvir relatar o que lhe sucedera, começava a recordar-se do que antecederam as trevas. Foi pouco depois de fazer a pergunta tradicional do quando-o-doente-recupera-os-sentidos. Ela disse-lhe que se encontrava numa pequena cidade chamada Sidewinder, no Colorado. Informou-o, também, que lera todos os seus oito romances, pelo menos duas vezes, e que lera os seus favoritos, os romances *Misery*, quatro, cinco, talvez seis vezes. Só gostava que ele os escrevesse mais depressa. Disse que nem queria acreditar que o seu doente era *realmente esse Paul Sheldon*, mesmo depois de ver o bilhete de identidade que ele tinha na carteira.

— A propósito, onde está a minha carteira?

— Guardei-a num sítio seguro. — Subitamente, o sorriso dela transformou-se num olhar de estreita vigilância, que não lhe agradou nada. Era como descobrir uma fenda profunda, quase oculta pelas flores do verão, no meio de um sorridente e jovial prado.

— Pensa que eu lhe roubei alguma coisa da carteira?

— Não, claro que não. Só que... — *Só que o resto da minha vida fora deste quarto. Para lá da dor. Para lá do modo como o tempo parece o fio de pastilha elástica que um miúdo estica para fora da boca quando está chateado, sem saber que o faz. Porque é assim, durante mais ou menos uma hora, antes de o comprimido chegar.*

— Só que o quê, senhor Espertalhão? — insistia, e ele viu, alarmado, que o olhar estreito se tornava cada vez mais negro, a *fenda* aumentava, como se houvesse um terramoto por trás das sobranceiras. Ouvia o queixume constante e incisivo do vento lá fora. Subitamente visionou a figura

dela que o levantava e atirava sobre o ombro sólido, onde ele ficaria imóvel como uma saca de serapilheira atirada contra uma parede de pedra, e logo ela o levava para o exterior, descarregando a carga num banco de neve. Gelaria e morreria mas, antes que tal acontecesse, as suas pernas latejariam violentamente e gritaria de dor.

— Só que o meu pai sempre me disse para nunca perder a carteira de vista — disse, admirando-se da facilidade com que esta mentira se lhe escapara dos lábios. O seu pai fizera do hábito de não lhe prestar mais atenção do que a estritamente necessária a sua profissão. E tanto quanto Paul se recordava, só lhe dera um único conselho em toda a sua vida. No dia do seu décimo quarto aniversário, o pai dera-lhe um preservativo da marca *Diabo Vermelho*, dentro de um sobrescrito de papel de prata.

— Põe isso na tua carteira — disse Roger Sheldon — e se alguma vez ficares excitado quando estiveres sentado no carro com alguma miúda num cinema ao ar livre, faz uma pausa de alguns segundos, entre o suficientemente excitado para querer e o demasiadamente excitado para querer saber, e põe isso. Já há bastardos a mais neste mundo, eu não te quero ver alistado na tropa aos dezasseis anos.

Agora, Paul continuava:

— Creio que ele me disse tantas vezes para ter cuidado com a carteira que a ideia colou-se-me ao cérebro para sempre. Se a ofendi, peço-lhe imensa desculpa.

Ela descontraíu-se. A *fenda* fechou-se. Flores de verão dançavam, novamente, alegres. Pensou em empurrar a mão através daquele sorriso e em encontrar nada mais do que escuridão flexível.

— Não tem importância, está num sítio seguro. Espere, tenho uma coisa para si.

Saiu, voltando com uma tigela de sopa fumegante onde alguns legumes flutuavam. Não foi capaz de comer muito, contudo comeu mais do que de início pensou ser capaz. Pareceu-lhe que ficara satisfeita. Foi enquanto comia a sopa que ela contou o que sucedera. E recordava-se de tudo à medida que ela ia falando. Supunha que era bom descobrir como era possível ficar com as pernas estilhaçadas daquela maneira, mas a forma como tomava conhecimento dos factos perturbava-o, era como se fosse uma personagem cuja história não é contada como história, mas como ficção.

Ela fora a Sidewinder, de carro, comprar rações para os animais e alguns artigos de mercearia de que necessitava, e também para ver os novos livros de bolso na loja de Wilson. Isto fora na quarta-feira, há duas semanas atrás, e os livros de bolso chegavam sempre às terças-feiras.

— Estava mesmo a pensar em si — disse, metendo-lhe uma colher de sopa na boca e, depois, com um modo profissional, limpando-lhe a boca com o canto do guardanapo.

»É isso mesmo que torna tudo uma coincidência tão espantosa, não acha? Estava a pensar como seria bom se *O Filho de Misery* já tivesse sido publicado, mas não tive sorte alguma.

A tempestade vinha a caminho, disse ela, mas até esse dia à tarde, os meteorologistas afirmavam, confiantes, que se deslocaria para sul, em direção ao Novo México e de Sangre de Cristos.

— É verdade — confirmou, recordando-se enquanto falava. — Eles disseram que se desviaria. Foi por isso que eu saí.

Tentou mexer as pernas. O resultado foi um violento relâmpago de dor, e ele gemeu.

— Não faça isso. Se põe essas pernas a falar, Paul, nunca mais se calarão, e eu não lhe posso dar mais comprimidos senão daqui a duas horas. Já lhe estou a dar demasiados.

*Porque não estou no hospital?* Era esta, claramente, a pergunta que deveria ser feita, mas ele não tinha a certeza de ser uma questão que qualquer um dos dois quisesse formular. Pelo menos por enquanto.

— Quando cheguei à loja das rações, Tony Roberts disse-me que era melhor apressar-me a voltar para aqui, antes que a tempestade viesse, e eu disse...

— A que distância estamos da cidade? — perguntou ele.

— A alguma — respondeu vagamente, olhando em direção à janela. Houve um estranho intervalo de silêncio, e Paul assustou-se com o que viu no seu rosto, porque o que viu foi o nada. O nada negro de uma fenda nos Alpes, um negrume onde flor alguma nasce, de onde a queda seria provavelmente grande. Era o rosto de uma mulher momentaneamente desligada de todas as posições e pontos de referência vitais da sua existência, uma mulher que se esquecera não só das recordações que estava a relatar, mas também da própria memória. Visitara uma vez uma instituição para doentes mentais, vários anos antes, quando preparava o livro *Misery*, o primeiro de quatro livros que se tornaram na sua principal fonte de rendimento durante os últimos oito anos, e vira aquele olhar, ou, mais precisamente, a falta do olhar. A palavra que o definia era *catatonia*, mas o que o assustava não tinha uma definição tão concreta, era

mais propriamente uma ligeira comparação. Nesse momento, pensou que os pensamentos dela se haviam transformado naquilo que ele imaginara ser o seu físico, sólido, fibroso, destituído de qualquer vaso sanguíneo, sem hiatos.

Depois, lentamente, o rosto dela recompôs-se. As ideias pareciam fluir novamente. Logo reparou que *fluir* era uma palavra um pouco forte de mais. Ela não se estava a encher, como uma lagoa ou uma piscina, estava a aquecer. *Sim... ela estava a aquecer, como qualquer aparelho elétrico. Uma torradeira, ou talvez uma placa elétrica.*

— Eu disse ao Tony: «A tempestade vai para sul.» — Falou devagar, primeiro, quase arrastando a voz, mas depois as palavras começaram a retomar a cadência e a vivacidade de uma conversa normal. Porém, agora ele estava alerta. *Tudo* o que ela dizia era um pouco estranho, um pouco despropositado. Ouvir Annie falar era como ouvir uma canção tocada no tom errado. — Mas ele disse: «Mudou de ideias.» «Ora, raios», disse eu. «É melhor pegar no cavalo e ir-me embora.» «Se eu fosse a senhora ficava na cidade, se fosse possível, menina Wilkes», disse ele. «Agora estão a dizer no rádio que vai ser uma tempestade medonha e ninguém está preparado.»

— Mas é claro que eu *tinha* de voltar. Não há ninguém, para além de mim, que dê comida aos animais. As pessoas que vivem mais próximo são os Roydman, e mesmo esses ainda estão a vários quilómetros daqui. Além disso, os Roydman não gostam de mim.

Olhou-o estudando-lhe o rosto, ao mesmo tempo que dizia a última frase e, como ele não respondeu, bateu com a colher na borda da tigela, de um modo perentório.

— Não quer mais?